

Mesa Temática de Cibercultura - Apresentação

Paulo Serra¹

Lídia Oliveira²

No conto *Na Colónia Penal*, Kafka descreve de forma minuciosa o funcionamento de uma máquina da justiça, literalmente falando, cujas agulhas inscrevem a sangue, no corpo do condenado à morte – que, aliás, nem conhece a sua sentença nem teve qualquer oportunidade de se defender –, o preceito legal que ele terá (supostamente) infringido.³

Esta parábola de Kafka pode ser estendida ao conjunto da cultura, de que a “Lei” é, precisamente, um dos núcleos⁴ e cuja inscrição no corpo de cada um se revela como um dos mecanismos essenciais.

Aquilo a que se tem vindo a chamar “cibercultura” – a cultura na era da cibernética, correspondente às sociedades a que Deleuze chama “de controlo” –, possui, aparentemente, a especificidade de não implicar uma tal inscrição da “Lei” no corpo de cada um e, por conseguinte, de dispensar o próprio corpo. Não é que cada um dos seus intervenientes se tenha transformado numa espécie de “espírito” desincarnado, vogando fora do espaço e do tempo; mas o corpo está aí reduzido a uma espécie de presença mínima – ligar/desligar o computador, carregar nas teclas, enviar e receber informação, imergir, eventualmente, na RV – que pode, a todo o momento, ser interrompida, sem marcas carnis de maior.

O corpo de cada um dos indivíduos que integram as várias culturas, bem como cada uma destas, têm como eixos fundamentais o espaço (a geografia) e o tempo (a historicidade).

Se, como defende Harold Innis, a história dos meios de comunicação pode ser vista como orientando-se, progressivamente, do eixo do tempo e da duração para o do espaço

¹ Universidade da Beira Interior.

² Universidade de Aveiro.

³ Cf. Franz Kafka, *Na Colónia Penal*, Lisboa, Litoral Edições, 1988.

⁴ Cf., também de Franz Kafka, *O Processo*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d, especialmente a parábola inserta em “os escritos que servem de introdução à Lei” e respectivas interpretações, pp. 222 ss.

e da expansão,⁵ podemos dizer que a Internet leva essa tendência ao seu ponto culminante, instaurando uma espécie de presente sem passado e transformando o próprio espaço físico em espaço virtual. Esta tendência que leva à erosão progressiva do tempo, nomeadamente por causa do “comercialismo” que tende a sobrestimar o efêmero e o superficial, é mesmo vista, pelo autor canadiano, como a verdadeira expressão da “tragédia da cultura moderna”, na medida em que toda a cultura exige tempo – um certo espaço de tempo – para resolver os problemas que se colocam aos indivíduos que a integram.⁶

Na mesma linha de pensamento, também Lyotard sublinha que as culturas, no seu sentido antropológico corrente – aquilo a que chama as “etnoculturas” –, têm radicado a sua existência nos eixos do espaço e do tempo, podendo mesmo ser vistas como formas específicas e particulares de apropriação desses mesmos eixos.⁷ Essa radicação das etnoculturas num espaço e num tempo implica, nomeadamente, que elas “não se deixam facilmente transplantar, nem comunicar”. Ao contrário do que acontece nessas etnoculturas,

[...] com as novas tecnologias, que fornecem modelos culturais que não são inicialmente enraizados no contexto local, mas que se formam tendo imediatamente em vista a maior difusão na superfície do globo, surge um meio notável para ultrapassar o obstáculo criado pela cultura tradicional à apreensão, ao trânsito e à comunicação das informações.⁸

Ao dissociar a cultura do corpo, do espaço (físico) e do tempo – de um corpo que se movimenta num espaço e se desgasta num tempo –, a cibercultura traz para primeiro plano o problema da identidade, seja colectiva seja individual. “Quem sou eu?”

⁵ Cf. Harold A. Innis, *The Bias of Communication*, Toronto, University of Toronto Press, 1999.

⁶ “A cultura diz respeito à capacidade de o indivíduo avaliar problemas em termos de espaço e de tempo e de o capacitar para dar os passos apropriados no tempo certo. Foi neste ponto que surgiu a tragédia da cultura moderna, quando invenções como o comercialismo destruíram um sentido do tempo.” Harold A. Innis, *The Bias of Communication*, Toronto, University of Toronto Press, 1999, pp. 85-6.

⁷ “As etnoculturas foram durante muito tempo esses dispositivos de memorização da informação graças aos quais os povos tinham a possibilidade de organizar o seu espaço e o seu tempo. (...) Produziram, nomeadamente, essa organização específica da temporalidade que nomeamos narrativas históricas.” Jean-François Lyotard, *O Inumano. Considerações sobre o tempo*, Lisboa, Estampa, 1997, p. 69.

⁸ Lyotard, *ibidem*, p. 70.

“Quem somos nós?” passam a ser questões cruciais para cada um dos indivíduos no seio de cada uma das etnoculturas – que, apesar de tudo, continuam a co-existir, local e particularmente, com uma cibercultura cada vez mais global e universal, isto é, desenraizada de um corpo, de um espaço e de um tempo determinados.

Esta simbiose entre o local e o global, o particular e o universal traduz-se também na emergência de um novo tipo de “comunidade” – deixaremos aqui de lado a discussão da justeza de tal qualificativo – a que se tem vindo a chamar “virtual”, assente nas novas formas de comunicação e interacção à distância possibilitadas pela Internet. Essas “comunidades virtuais” já assumem hoje, em domínios como a investigação científica, um papel extremamente importante. Nestas comunidades, a questão não só da identidade mas da própria identificação passa a ser uma questão crucial: será que cada um é quem diz ser? E porque é que cada um diz ser algo em vez de outra coisa qualquer?

Os textos que integram a mesa temática de Cibercultura interrogam, de uma ou outra forma, e cada um à sua maneira – mesmo metodologicamente falando –, um ou vários dos aspectos que acabámos de enumerar, e que se constituem como as grandes áreas problemáticas daquilo a que se tem vindo a chamar a “cibercultura”: o corpo, o espaço, o tempo, a identidade pessoal e colectiva, a comunidade, a relação entre o natural e o artificial, as novas formas de comunicação e interacção entre os homens.

Aprofundar os estudos no âmbito da Cibercultura é um imperativo num mundo que se transformou “numa aldeia global no plano técnico, mas não no plano social, cultural e político”⁹, para que o que D. Wolton designa de “triângulo infernal identidade-cultura-comunicação”¹⁰ não se torne numa “espécie de bomba relógio”¹¹, como já começámos a assistir neste início de século.

⁹ Dominique Wolton, *A Outra Globalização*, Lisboa, Difel, 2004, p.9.

¹⁰ Wolton, *ibidem*, p. 10.

¹¹ Wolton, *ibidem*, p. 10.